

## História Mundial

### Resumo por Rafael Ávila

O Tratado de Paz de Westphalia, no século XVII, pôs fim às guerras religiosas na Europa e estabeleceu determinadas regras de relacionamento no âmbito internacional. Foi acordado que todos os Estados tinham o direito a sua religião própria desde que esta não interferisse na política governamental. Ficou estabelecido assim a laicização do Estado. Os Estados passaram a ser vistos como unidades soberanas, livres para estabelecer suas diretrizes políticas e econômicas.

Em consequência dos vários anos de guerra, os Estados passaram a manter suas forças armadas em prontidão permanente. Todos os países teriam as forças armadas prontas de forma a enfrentar todo e qualquer desafio posto no âmbito internacional.

Ficou acordado ainda que os soberanos tinham poderes que se limitavam somente a um território contíguo, ou seja, não era permitida uma única soberania em territórios que não fossem ligados contiguamente. Evitar-se-ia assim que um único rei detivesse poder sobre diversas porções de território e, eventualmente, buscasse expandir seus domínios incorporando outros. Com esta medida, tentava-se frear os desejos expansionistas de alguns reis.

A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) encerrou definitivamente com o poder Espanhol em solo europeu. Se a Espanha era a grande potência europeia no século XVI, a partir da Guerra dos Trinta Anos, outros países passaram a ascender em termos de poder, com destaque à França e à Inglaterra. A Espanha, que passou a dominar também Portugal, com a unificação das duas coroas, perdeu este domínio em 1640.

Inglaterra e França rivalizavam desde o Século XIV, quando as mesmas lutaram por mais de um século (Guerra dos Cem Anos). Lutaram ainda no século XVI pela posse do Canadá, com vitória inglesa sobre Quebec em 1632 e só se tornaram nações aliadas em fins do século XIX.

Uma outra questão importante no âmbito das relações internacionais se refere à criação do mecanismo da balança de poder. Mesmo que não tenha sido acordado em Westphalia, e sim na guerra de sucessão espanhola (século XVIII), os países perceberam que precisavam encontrar formas de impedir com que uma ou mais potências tentassem aumentar seu poder às custas dos outros e desta forma levar todos à guerra.

A lógica da balança ou equilíbrio de poder seria um mecanismo diplomático que garantiria que todos os Estados se voltariam contra aquela potência que se tornasse revisionista, ou seja, que tentasse aumentar seu poder de forma a se tornar uma hegemonia. Assim, as alianças se configurariam não por laços de amizade ou afinidade política mas por mera conveniência conjuntural. É neste sentido que surgiu, por exemplo, a Grande Aliança em 1701 quando Inglaterra, Holanda, Áustria, Prússia e Hanôver se uniram para deter a expansão francesa. A Grande Aliança serviu ainda para conter a Espanha quando esta quis aumentar seus domínios por meio de uma questão de sucessão dinástica a partir de 1702 (Tratado de Paz de Utrecht finalizou a guerra em 1713).

De Utrecht em diante a Europa vive uma relativa paz, sustentada eficazmente pelo princípio do equilíbrio de poder. Somente em meados do século XVIII é que alguns problemas começaram a acontecer. Com a ascensão de Frederico II, a Prússia foi se tornando uma das maiores potências europeias e seu rei provocaria uma série de confrontos de modo a aumentar as possessões territoriais prussianas.

A Guerra dos Sete Anos (1756-63) colocaria em choque várias potências europeias, com destaque às quatro principais: França e Áustria de um lado e Inglaterra e Prússia, de outro. Rússia e a Suécia também entrariam

em confronto no período mas em ações muito mais limitadas e pontuais. A Prússia iria entrar definitivamente no hall das principais potências européias.

O século XVIII é marcado ainda por duas questões intimamente relacionadas e que provocariam uma série de problemas para todos os países europeus: um aumento demográfico explosivo e um não acompanhamento na produção de alimentos. O fato é que a população européia vinha crescendo desde o século XIV, quando houve o grande surto de peste na Europa. Todavia, o crescimento de alimentos não vinha acompanhando este surto demográfico. Ainda que tenha ocorrido uma série de revoluções técnicas, a produção não se beneficiava tanto dos avanços da ciência quanto se beneficiou a população pelas melhorias na área da saúde. Isso representou um descompasso entre produção e crescimento populacional. Outro fenômeno que interferiu nesta dinâmica foi a migração em massa para os centros urbanos. As técnicas agrícolas deslocaram contingentes de trabalhadores para as cidades, o que prejudicou ainda mais a produção e gerou problemas de superpopulações, a maioria marginalizada, nos centros urbanos.

A falta de alimentos, associada aos problemas urbanos, levou a um descontentamento cada vez maior de uma parcela significativa da população. Enquanto nobres e cleros usufruíam de uma vida confortável, grande parte da população sofria com problemas cada vez maiores. O choque social revolucionário começava a se delinear. Este potencial revolucionário, de fato, é uma marca das relações sociais européias desde a Idade Média. Porque as revoluções só começaram a acontecer em fins do século XVIII?

Um das respostas a esta questão é a associação entre a plebe, a grande massa populacional, e a burguesia, uma classe social que se firmava do século XVI em diante. A burguesia durante muito tempo almejou sua entrada no topo na pirâmide (nobreza) e ignorou por completo a plebe. Esta entrada se dava ou pela compra de títulos de nobreza ou pelos casamentos de conveniência com nobres falidos. O crescimento significativo dos burgueses fez com que grande parte deles não conseguissem a ascensão social pretendida, desta forma, a maioria continuava sob a opressão política dos nobres, que decidiam a maioria das questões do Estado.

A pobreza generalizada e a escassez de alimentos que afetava mais diretamente a população mais pobre, bem como a insatisfação política de burguesia acabou unindo estas duas camadas contra o topo da pirâmide. Os ideais iluministas serviram para dar o tom das demandas políticas e sociais que faltavam ao medievo. O germe revolucionário estava maturando.

A Revolução Francesa é uma representação de toda a esta movimentação política, econômica e social do século XVIII. Iniciada em 14 de julho com a Tomada da Bastilha, ela não foi em si uma revolução francesa mas sim uma revolta concentrada em algumas cidades, em especial Paris. O caráter generalizado só começou a acontecer após a invasão de algumas potências européias ao território francês para restaurar o regime monárquico. Ou seja, a revolução cresceu paulatinamente só se tornando de fato um ideal geral nos anos subsequentes.

A invasão da Áustria e da Prússia, em 1792, catalizaram o processo revolucionário e determinaram o fim da possibilidade de retorno à monarquia na França, visto que a família real foi guilhotinada suspeita de conchamar soberanos europeus à restituir o poder dos Bourbons. Após a decapitação de Luís XVI e a instauração da República Francesa, iniciou-se o período de perseguições políticas, o regime do terror, que só terminou com a morte de um dos seus principais líderes, Robespierre, em 1794.

O governo seguinte, o do Diretório, passou a trabalhar na consolidação da República, enquanto o exército francês vinha expulsando as forças estrangeiras invasoras e conquistando novos territórios. Neste período, destaca-se a figura de Napoleão que após vencer os austríacos e os prussianos, vence também os italianos, conquistando o Tirol (1796), e as forças inglesas e egípcias, dominando o Egito em 1797. Em 1799, o poder e a fama de Napoleão são tão grandes que ele liquida o governo do Diretório e assume a França como Cônsul.

Os anos de 1799 à 1815 são conhecidos como o período das Guerras Napoleônicas, onde o general Bonaparte conquista vitórias retumbantes sobre todos os adversários da França. O período consular vai até 1804 quando Napoleão se auto-proclama Imperador. Neste ínterim, ele havia derrotado os austríacos em Marengo (1800), e iria derrotar os austríacos e russos em Austerlitz (1805), apesar de sua derrota naval na Batalha de Trafalgar. Impedido de invadir a Inglaterra, em 1807, o imperador francês decretou o Bloqueio Naval e invadiu, no ano seguinte, a Espanha e Portugal.

Alguma alteração só ocorreu em 1812 quando Napoleão invadiu e foi derrotado na Rússia. A partir de então, o general foi derrotado em Leipzig em 1813, o que forçou sua abdicação no ano seguinte. Enquanto Napoleão permaneceu no exílio a monarquia francesa foi restaurada. Todavia, o general retornou e só foi definitivamente derrotado em 1815 em Waterloo, quando foi mandado para o exílio na remota Ilha de Santa Helena.

Napoleão representou uma ameaça real ao equilíbrio de poder europeu, constituído desde o século XVII. Ao mesmo tempo, e com todas as dificuldades inerentes, foi a união das várias potências européias que fez com que a França Imperial não conseguisse lograr a expansão territorial pretendida. As conseqüências dos 16 anos de guerra contra o general francês foram inevitáveis. A Prússia declinou significativamente, bem como a Império Austro-húngaro mostrou toda sua fragilidade. A Rússia, apesar de ter infligido uma derrota importante a Napoleão, não era do mesmo calibre de outros países europeus. Portugal e Espanha também não se recuperaram jamais do jugo francês. Desta forma, só uma potência conseguiu resistir ao estrago provocado por Bonaparte, a Inglaterra. Esta iria se tornar a maior potência européia do século XIX.

Como dito, o século XIX é o século da Inglaterra. A saída inglesa a todos aqueles problemas que levaram à revolução na França foi diferente. A imigração foi influenciada para aqueles que não conseguiam se inserir economicamente na sociedade. Muitos ingleses se transferiram para Austrália, Índia, Egito, Estados Unidos, Canadá, Ásia ou mesmo para a África. A produção agrícola inglesa passou a ser sustentada em parte pelo produzido na Inglaterra mesmo e parte produzido em suas colônias. Além disso, o capital acumulado permitiu o início do processo de industrialização que aumentou em escala significativa a disponibilidade de alguns produtos no mercado inglês e mundial, permitindo ainda mais acumulação de capital.

A ausência de qualquer desafio ao controle do mar por parte da Inglaterra permitiu a livre circulação de bens e mercadorias inglesas por todo o globo. Desde a derrota francesa em 1805, não havia país capaz de rivalizar com a Inglaterra nos oceanos e isso deu a ela liberdade para usufruir do comércio ultramarino em caráter quase exclusivo.

A independência de várias nações americanas no século XIX permitiu à Inglaterra inserir parte de seus produtos na região, que substituiriam os de origem das ex-metrópoles. Entre 1821 e 1830, diversas novas nações surgiram (Peru, Venezuela e México em 1821; Brasil e Equador em 1822; Bolívia em 1825). Todavia, a Doutrina Monroe de 1823 colocava um desafio à Inglaterra e aos europeus de forma geral, na medida em que abria uma concorrência imperialista no continente americano – os Estados Unidos da América.

A independência dos países latino-americanos, especialmente os de língua espanhola, estava inserido no grande processo desencadeado por Simon Bolívar, que buscava a construção de uma América unificada em uma grande confederação. O Congresso do Panamá de 1826 é a representação máxima deste anseio.

O predomínio incontestável inglês só ocorre definitivamente após a ascensão da Rainha Vitória em 1837. Esta governará o Império Britânico até 1901 e marcará o período histórico conhecido como Era Vitoriana. Já em 1837, a Inglaterra inicia as guerras contra a China (Guerras do Ópio) e, após derrotar os chineses, em 1842, estabelece acordos comerciais totalmente favoráveis a esta nação européia, inclusive com o domínio sobre a ilha de Formosa (posteriormente Taiwan) e do Porto de Hong Kong (1841). Enquanto a Inglaterra passava a

gozar de uma hegemonia mundial, no continente europeu, estouraram uma série de revoluções liberais a partir de 1848, mesmo ano do lançamento do Manifesto Comunista de Marx e Engels.

Se não havia interferência dos ingleses no continente europeu, o mesmo não acontecia nas demais regiões. Em 1854, a Inglaterra se envolveu na Guerra de Criméia, em primeira instância uma disputa entre Rússia e Turquia, que colocou os ingleses lutando contra os russos. Alguns anos mais tarde, em 1858, a Rainha Vitória conseguiu inserir a Índia definitivamente no quadro das nações sob sua tutela. No ano seguinte, os ingleses começam a construir o Canal de Suez, em parceria com o governo da França e do Egito.

O desafio à Inglaterra só acontecerá quando do surgimento da Alemanha na década de 1870. Este processo se inicia, todavia, com a ascensão política de Bismarck, em 1862, quando este se torna primeiro-ministro (e chanceler em 1867). Após vencer os austríacos em 1866 e os franceses em 1870, os prussianos lideram as demais nações germânicas na construção de uma nação alemã totalmente unificada. Após a derrota humilhante para os alemães, a França entra em um processo revolucionário conhecido como a Insurreição da Comuna de Paris, que instaura um governo provisório mas que é rapidamente derrotado. Neste ínterim, os EUA compram o Alasca da Rússia e o Canal de Suez é aberto.

Em 1877, Rússia e Turquia mais uma vez entram em conflito, agora em razão da região dos Balcãs. Os Balcãs são possessão turca há muitos séculos e serão o berço dos conflitos que levarão as nações européias à I Guerra Mundial. Os anos subseqüentes são relativamente tranquilos na Europa. Os países, primeiro França e depois Alemanha, dão início às suas revoluções industriais. Os EUA, bem como o Japão, também iniciam suas industrializações em meados da década de 1880 e início da década de 1890. Desta forma, algumas novas potências surgiram nas relações internacionais.

Se os anos 1880 são relativamente tranquilos, os anos de 1890 vão demonstrar o quanto esta tranquilidade era totalmente ilusória e o quanto o ideal expansionista e imperialista predominou na mente dos estadistas de quase todas as potências mundiais. A Itália invade a Abissínia (Etiópia) e o Japão a Coreia em 1894; Grécia e Turquia entram em guerra em 1897; EUA declara guerra à Espanha em 1898 por causa de Cuba. Também, na década de 1890, começam movimentos contra a ocupação estrangeira em alguns países como foi o caso dos bóeres na África do Sul (1898) e dos boxers na China (1899).

No início do século XX, a China passou por um intenso processo de transformações. Em 1900, surgiu o partido nacionalista chinês que seria responsável pelo fim do regime imperial. Sob a liderança de Sun Yat, o partido questiona as políticas de portas abertas na China de 1901. Neste mesmo ano, nas Américas, os Estados Unidos conseguem implantar a Emenda Platt na constituição cubana, que previa a possibilidade de intervenção estadunidense na ilha. No ano seguinte, ou seja, em 1903, os Estados Unidos promovem a independência do Panamá e obtêm soberania sobre a faixa territorial que iria posteriormente constituir o canal. Nos anos seguintes, os Estados Unidos iriam firmar sua política na região por meio da Doutrina do Big Stick.

As rivalidades entre as grandes potências continuam a acontecer. Em 1904, tem-se início a Guerra Russo-japonesa, com vitória desconcertante dos nipônicos. A população russa, insatisfeita com o governo, inicia uma série de manifestações e greves que desembocariam no episódio conhecido como Domingo Sangrento, onde manifestantes populares foram massacrados pelas forças do Czar na Praça do Kremlin.

Os antigos impérios como o Austro-Húngaro e o Turco-Otomano, e mesmo o Russo, enfrentavam dificuldades. De fato, estes gigantes não conseguiam acompanhar as mudanças políticas e econômicas que ocorriam em outros países, como Alemanha, Estados Unidos e Japão. Em 1908, na Turquia, aconteceu a rebelião dos jovens turcos cujo objetivo fundamental era modernizar o país nos moldes ocidentais. Em meio a esta confusão, o Império Austro-Húngaro anexou a Bósnia-Herzegovina, até então pertencente aos turcos.

Temendo a influência crescente político e militar da Alemanha, França, Inglaterra e Rússia formaram neste ano a Tríplice Entente ou Entente Cordiale.

O Imperialismo nipônico começa a dar suas mostras quando, em 1910, o mesmo invade a Coreia. Alguns anos antes, os japoneses tinham tirado o Port Arthur do controle russo e antes ainda os japoneses havia vencido os chineses em combate e incorporado parte do território chinês.

Em 1911, Sun Yat lidera uma revolução na China em que foi proclamada a república. Neste mesmo ano foi criado na Sérvia a sociedade secreta Mão Negra que lutava contra o domínio do Império Austro-Húngaro e na qual participará um dos jovens responsáveis pelo assassinato do príncipe herdeiro Francisco Ferdinand em 1914, deflagrando a I Guerra Mundial. O fracasso turco em manter seu domínio sobre a região dos Balcãs nas duas guerras balcânicas, de 1912 e 1913, e o crescente nacionalismo sérvio contra a Áustria-Hungria foram elementos que se somaram às rivalidades entre as diversas potências levando diversos países a se confrontarem militarmente a partir de 1914.

A I Guerra Mundial envolveu quase todas as potências mundiais do período. Alemanha e Áustria-Hungria, de um lado, França, Rússia e Inglaterra, do outro, aderiram ao conflito ainda em 1914. Itália, do lado da Entente e Bulgária e Turquia, do lado da Aliança, entrariam no conflito em 1915. Em 1916, a Romênia entra do lado da Alemanha e só em 1917, ano em que começa a revolução socialista na Rússia, é que os Estados Unidos aderem ao confronto. Antes de lutar na Europa, todavia, os Estados Unidos invadem a República Dominicana (1916) e Cuba (1917).

O fôlego alemão na I Guerra Mundial com a saída da Rússia (Tratado de Brest-Litovski) durou pouco com tempo. Com a entrada do EUA e a retirada de seu aliado, o Império Austro-Húngaro, só restou à Alemanha a rendição. O Kaiser Guilherme abdicou de seu trono e a República de Weimar foi constituída. O Tratado de Versalhes, que materializou duras penalidades à Alemanha, selou o fim do primeiro confronto em escala mundial. Deste acordo porém, emergiu a Liga das Nações, um organismo internacional com o intuito de impedir com que os países se enfrentassem futuramente por meio da forças das armas. As limitações da Liga, todavia, seriam rapidamente conhecidas. Já em 1920, por exemplo, ela não conseguiu com que a Grécia e a Turquia se enfrentassem.

A década de 1920 foi a década do surgimento da campanha pacifista de desobediência civil de Gandhi, ao mesmo tempo em que assistiu o nascimento de partidos totalitários, como o fascista na Itália e o Comunista na China, ambos em 1912. Neste mesmo ano, a Rússia tentava desesperadamente sair da crise econômica instalada desde a I Guerra Mundial, com a criação da Nova Política Econômica. A Paz, proposta pela Liga, estava longe de ser cumprida pois em 1923, a França invadiu e ocupou a região alemã do Ruhr, gerando mais ressentimentos dos alemães em relação às prerrogativas inerentes ao Tratado de Versalhes.

Dali para frente, a Europa iria assistir a radicalização das políticas partidárias. Mussolini, em 1926, fez com que o partido fascista se tornasse o único na Itália. O Comunismo da URSS se tornou uma ameaça aos governos liberais e deu poder aos discursos radicais da direita européia. Mas nada disso seria tão grave se a economia continuasse a se reerguer. Todavia, com o colapso econômico-financeiro mundial a partir de 1929, a situação se tornou extremamente complicada.

O único país que não sofria tão diretamente com a crise capitalista foi a União Soviética que desde 1928 vinha implementando os planos quinquenais de Stálin. Com o exílio de Trotsky e a perseguição aos inimigos do regime, Stálin começava a governar de forma mais livre, abandonando qualquer expectativa de exportar o modelo comunista para outros países. Mesmo se fechando, aos olhos dos radicais de direita, o comunismo continuaria sendo uma ameaça de forma que da crise de 1929 em diante, os principais choques políticos e ideológicos se deram entre partidários de direita contra partidários de esquerda.

A Alemanha, após 1929, assistiu a rápida ascensão dos nazistas no poder. Depois da tentativa frustrada de golpe em 1923 (Putsch de Munique) e a prisão de Hitler, de 1929 em diante os nazistas conseguiram rapidamente alcançar inúmeras cadeiras no parlamento. Em 1931, Hitler se aliou aos nacionalistas alemães e isso só aumentou seu poder. Em 1933, após a morte de Hindenburgo, Hitler acumulou os cargos de chanceler e presidente, dissolveu o parlamento, e instaurou uma ditadura que duraria até 1945. Na mesma época em que Hitler assume o controle sobre a Alemanha, outro ditador assume o comando de uma nação européia – Salazar em Portugal. Ainda, na América do Sul, estoura a guerra entre Bolívia e Paraguai (Guerra do Chaco).

Roosevelt que assume presidência dos Estados Unidos em 1932 estabelece o New Deal de forma a superar a imensa crise estabelecida após 1929. Na China, em 1934, os comunistas de Tse Tung iniciaram a Grande Marcha que alguns anos depois colocariam fim ao governo de Chiang Kai Shek. O governo de Kai Shek buscou reprimir os comunistas, todavia, com a invasão japonesa em 1937, os esforços governamentais tiveram que se voltar contra o inimigo estrangeiro mais do que contra o inimigo interno.

Após o decreto das leis racistas de Hitler em 1935 e a conscrição universal do mesmo ano, o governo nazista passou a apoiar todos os partidos de direita na Europa. A Itália invadiu a Etiópia em 1935. No ano seguinte, tanto Hitler quanto Mussolini apoiaram o levante direitista das forças armadas espanholas que desembocaram na guerra civil. Foi nesta guerra, inclusive, que os nazistas testaram novas armas de guerra bem como táticas e doutrinas militares que seriam utilizadas a partir de 1939. Temendo o avanço comunista na Europa, em 1938, Inglaterra e França fariam concessões à Hitler. O que estas potências não imaginavam é que Hitler e Stálin haviam assinariam um pacto de não agressão e de cisão da Polônia em caso de guerra. Stálin sabia que não poderia enfrentar os nazistas naquele momento, muito em função dos excessivos expurgos políticos e militares promovidos sistematicamente desde 1936. Já Hitler sabia dos problemas inerentes em uma guerra de duas frentes e, por isso, queria evitar, em um primeiro momento, uma luta com o gigante soviético.

O ano de 1939 é extremamente conturbado. Franco venceu a guerra civil contra as forças comunistas; a Alemanha ocupou a Tchecoslováquia; a Itália anexou a Albânia. Tudo isso em uns poucos meses. O que o restante da Europa não imaginava é que em fins daquele ano, em uma ação conjunta, a Alemanha e a União Soviética, invadiriam e partilhariam a Polônia. Com a invasão alemã aos territórios poloneses, não restou alternativa à França e à Inglaterra se não decretarem guerra à Hitler. Estaria iniciada assim a II Guerra Mundial.

Após a bem sucedida invasão à Polônia, em 1940, as forças alemãs voltaram-se para o oeste, invadindo a Dinamarca, a Holanda e a Bélgica, além de conquistarem a Noruega. Mas a maior surpresa estaria na velocidade com que as forças alemãs invadiram e conquistaram a França. Em meados de 1940, as forças de Hitler já dominavam meia Europa. As atenções de Hitler se voltariam para a Inglaterra, último obstáculo ao controle total da região. Começou então os bombardeios sistemáticos ao território inglês bem como as lutas entre as duas marinhas no Canal da Mancha.

Sem progressos em relação aos ingleses, em 1941, as forças nazistas invadiram a Iugoslávia e a Grécia e, de forma maciça, atacaram as fronteiras soviéticas à leste. Estava em curso a operação Barbarossa, onde Hitler buscava dominar e destruir o gigante soviético. Neste mesmo ano, os japoneses realizaram o ataque à base principal da frota norte-americana no pacífico, em Pearl Harbour. Isso levou os EUA à entrarem na guerra.

Se em 1940 parecia que a conquista nazista da Europa era certa, a partir de 1942, o cenário começou a mudar. Neste ano, as forças alemãs se renderam após árduos confrontos em Stalingrado e também foram expulsas do norte da África. Os aliados começaram a cercar as forças do eixo. Americanos e britânicos ocuparam a Sicília e invadiram a Itália vindo do sul. Os soviéticos vieram empurrando as forças nazistas de volta à fronteira russa. Em 1943, Mussolini foi preso e executado por compatriotas, ao mesmo tempo em que as forças nazistas enfrentavam os *partisans* de Tio na Iugoslávia.

Em 1944, forças anglo-americanas realizaram o maior desembarque anfíbio da história. Isso levou, algum tempo depois, à libertação da França e instalação de um governo provisório, tendo De Gaulle como seu presidente. No front do pacífico, as forças americanas ocuparam as Filipinas e começaram a varrer as forças japonesas de diversas ilhas. No ano seguinte, na Conferência de Ialta, Roosevelt, Stálin e Churchill, encontram-se e começam a redesenhar o mapa mundial, bem como estabelecem as bases para a criação de um organismo internacional que entraria em ação após a guerra. Este organismo teria o mesmo papel da extinta Liga das Nações, ainda que se sua estrutura fosse bem diferente de sua predecessora. Em meados de 1945, as forças soviéticas adentram Berlim, chegava ao fim a guerra contra a Alemanha de Hitler. No front do pacífico, a guerra só terminou alguns meses depois, com a rendição japonesa. Duas bombas atômicas foram lançadas, em Hiroshima e Nagasaki, mostrando ao mundo o poderio bélico dos Estados Unidos. Com o fim da guerra, instalou-se na cidade de Nuremberg um tribunal para julgamento dos crimes dos soldados nazistas. A ONU passou a funcionar a partir de sua sede em Nova York e o mundo começaria a assistir a partilha em dois blocos de influência político-ideológica.

No sudeste da Ásia, os japoneses foram expulsos da China e o problema voltava a ser o inimigo interno, os comunistas de Tse Tung. A Indochina deixaria de existir com a criação da República Democrática do Vietnã, tendo Ho Chi Minh como seu governante. A França reconheceu a independência do Vietnã do Sul, mas não do norte. Por isso, a partir de 1946, começou a guerra entre forças francesas e comunistas norte-vietnamitas. A guerra entre a França e as forças comunistas do norte do Vietnã terminam com a criação, em 1954, do Vietnã do Norte (comunista) e do Sul (Imperial).

A Ásia ainda assistiu, em 1947, a independência da Índia, após décadas de luta para sair do jugo dos ingleses. Nehru foi indicado primeiro-ministro mas, após a morte de Gandhi, em 1948, estouraram vários confrontos que levaram à criação de dois Estados independentes, a Índia e o Paquistão, o primeiro de maioria hindu, o segundo, composto por muçulmanos. Também, neste mesmo ano, a Coreia ficou dividida em duas zonas, tendo ao norte simpatizantes do comunismo.

No fim da década de 1940, a ONU obteve sua primeira derrota política. Após estabelecer um plano de partilha da Palestina, em 1947, prevendo um território de domínio judeu e um território de domínio palestino, com Jerusalém sendo uma capital internacional, a ONU se imobilizou frente à declaração unilateral de independência de Israel e a guerra ocorrida entre as forças árabes e judias em 1948 e 1949. Em 1947, foi instituído ainda o plano de reconstrução da Europa, o Plano Marshall.

O ano de 1949 talvez tenha sido um dos anos mais dramáticos. A Alemanha foi dividida em duas: a República Federal da Alemanha e a República Democrática Alemã. Os países ocidentais assinaram, neste ano, o Tratado do Atlântico Norte, criando assim, o organismo de defesa contra o avanço comunista, a OTAN. O bloco comunista formou o Comecon, organização de cooperação econômica dos países socialistas do Leste Europeu e viu a ascensão de Tse Tung ao poder na China, criando a República Popular da China. As tensões na Ásia levaram ainda, em 1950, a intervenção da ONU na disputa entre as duas coreias, ao mesmo tempo em que nos EUA começava o período conhecido como caça às bruxas. A Guerra da Coreia irá se estender até 1953 e terminará não com um tratado de paz mas como uma armistício que existe até então.

O Oriente Médio, na década de 1950, se tornaria, definitivamente, uma região de importância mundial. O petróleo figuraria, a partir de então, como elemento central da política da região, bem como da política global. Com a nacionalização do petróleo por Mossadegh, primeiro-ministro do Irã, em 1951, uma crise internacional se instalou. Esta crise perdurou até 1953, quando os EUA apoiaram um golpe de Estado no Irã, depondo Mossadegh. Neste mesmo período, a Inglaterra passou a ocupar militarmente a região do Canal de Suez, região de importância vital para as comunicações do Mediterrâneo com o Índico. A insatisfação egípcia com a presença de estrangeiros levou a um golpe militar no país com a subida ao poder de Nasser em 1952.

A pressão das duas superpotências mundiais pela adesão de todos os países a um dos blocos gerou, nos anos 1950, um movimento político peculiar. Em 1955, realizou a Conferência de Bandung, no qual muitos países manifestaram seu desejo de não aderirem automaticamente a nenhum dos dois blocos visto que suas preocupações eram mais com o desenvolvimento econômico do que com alinhamentos políticos e ideológicos. Esta manifestação, em especial de países do terceiro mundo, ficou conhecido como Movimento dos Países Não-Alinhados.

Se alguns países buscavam certa autonomia dos ditames dos dois blocos, o soviético se fechou ainda mais com a constituição, em 1955, do Pacto de Varsóvia, uma aliança militar que faria frente à OTAN. O Movimento dos Países Não-Alinhados não foi visto como uma alternativa e sim como um desafio às duas superpotências. Quando Nasser, um dos líderes do movimento, nacionalizou o Canal de Suez, em 1956, ingleses, franceses e israelenses invadiram a região e iniciaram um conflito. Neste mesmo ano, guerrilheiros comandados por Fidel Castro iniciaram um movimento contra as forças do ditador Fulgêncio Batista em Cuba, enquanto na União Soviética Kruschov denunciava os crimes cometidos por Stálin e, ainda assim, invadia a Hungria para acabar com um levante contra a dominação comunista. A insurreição húngara seria sufocada e, em 1959, Cuba se livraria do jugo de Batista.

Enquanto o leste europeu sofria com a intervenção cada vez mais incisiva do PC Soviético, a Europa Ocidental inaugurava uma nova era. Em 1957, foi criada a Comunidade Econômica Européia, que abriria a possibilidade para, algumas décadas depois, se constituísse o maior bloco político e econômico que se tem conhecimento.

União Soviética e Estados Unidos no final dos anos 1950 e início dos 1960 levaram sua disputa para outro patamar. Em 1957, os soviéticos lançaram seu primeiro satélite, o Sputnik. Dois anos mais tarde, os Estados Unidos criaram a NASA. A partir de então, começou uma corrida pelo domínio do espaço, cuja meta era colocar o homem na lua, feito atingido pelos EUA em 1969.

Enquanto URSS e EUA disputavam o domínio do espaço sideral, problemas muito mais próximos começaram a acontecer. O governo de Castro passou a nacionalizar empresas norte-americanas e, após o ataque frustrado anti-castrista realizado em 1961, com apoio da CIA, anunciou sua adesão ao marxismo-leninismo. A dureza das relações entre os blocos se acentuou quando o Muro de Berlim foi levantado e os Estados Unidos iniciaram o envio de homens e armas para o Vietnã para combater as guerrilhas do sul. Em 1962, as relações entre os blocos ficaram ainda mais tensas quando o governo Kennedy anunciou o bloqueio naval à Cuba em virtude da presença de mísseis soviéticos no país. Durante alguns dias, o mundo sentiu a possibilidade de um confronto nuclear entre as grandes superpotências.

O recuo de Kruschov no caso de Cuba levou à sua destituição alguns anos mais tarde (1964), mesma época em que a presença americana no Vietnã se fez mais presente. A partir de 1964, os aviões estadunidenses passaram a bombardear o Vietnã do Norte e o envio de soldados passou a aumentar. A situação do Oriente Médio ficou também tensa com a criação da Organização para a Libertação da Palestina e uma onda de terrorismo passou a ocorrer.

Na África, os anos 1960 foram de libertações coloniais. Em menos de dez anos, várias novas nações independentes surgiram. Em 1965, Rodésia, Quênia e Gana, por exemplo, se tornaram independentes. Várias outras nações iriam surgir no decorrer da década e na década seguinte. Na Ásia, em 1966, Mao Tse Tung inicia a Revolução Cultural, enquanto Nixon é eleito presidente dos EUA. Indira Gandhi se torna primeira-ministra da Índia e a França se retira da OTAN para poder adquirir status de potência nuclear.

O evento mais marcante de 1967 é a guerra entre uma coalizão árabe, formada por egípcios, sírios e jordanianos contra Israel. A derrota das forças árabes em apenas seis dias mostraria ao mundo a força dos



israelenses em virtude do apoio material e financeiro dos Estados Unidos. Uma nova guerra aconteceriam em 1973, como será visto adiante.

1968 é ao ano das rebeliões. Várias ocorrem ao longo do globo. Em Paris, a rebelião é sufocada pelo governo de De Gaulle que, no ano, seguinte renuncia ao cargo. Em Praga, tanques soviéticos invadiram a cidade para por fim à revolta e restabelecer o controle comunista. No ano seguinte, a Inglaterra interferiu nas lutas entre católicos e protestantes na Irlanda afim de conter a onda crescente de violência.

Em termos de mudanças governamentais, em 1969, Kadhafi toma o poder na Líbia, destituindo o monarca do poder e estabelecendo uma ditadura que perdura até os dias atuais. Franco designaria o Rei Juan Carlos como seu sucessor, o que aconteceria somente em 1975.

Os anos 1970 não são menos conturbados que a década anterior. Allende é eleito presidente do Chile mas é deposto por golpe militar em 1973, comandado por Pinochet. Idi Amin torna-se ditador em Uganda (1971). Bangladesh é criado após uma guerra civil envolvendo os paquistaneses do oriente, forças indianas e forças do Paquistão Ocidental (1971). A China entra definitivamente na ONU, substituindo inclusive Taiwan no Conselho de Segurança da instituição. Porém, no ano de 1970, EUA e URSS e mais 41 nações subscreveram o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Alguns anos mais tarde começou o período conhecido como Distensão nas relações entre EUA e URSS, com a visita de Nixon à China e à URSS e a retirada das forças norte-americanas do Vietnã (1973).

Se as relações entre EUA e URSS parecem melhor, todavia, em 1973, um novo conflito no Oriente Médio eclode. A Guerra do Yom Kippur mais uma vez levou ao choque forças de uma coalizão árabe e exércitos israelenses. O resultado desfavorável aos árabes levou-os a decidir sobre a elevação dos preços internacionais do petróleo. Acreditando que sua derrota era função do apoio financeiro e militar dos países ocidentais, os árabes resolveram “ataca-los” de outra forma. As economias industriais, dependentes do petróleo, entraram em colapso.

A situação no Oriente Médio se torna foco de preocupação crucial de vários países, em especial dos EUA. A eclosão da guerra civil do Líbano, em 1975, seria mais um momento delicado na instável região mas com a subida ao poder de Carter (1976) e as negociações entre Sadat (presidente do Egito) e Israel, em 1977, e a reaproximação entre os dois países, parecia que a paz na região poderia ser alcançada. As conferência de Camp David, em 1978, seriam uma sinalização deste possível acordo de Paz. Todavia, em 1979, ano em que a União Soviética invade o Afeganistão, uma revolução fundamentalista religiosa eclode no Irã. Com a deposição do Xá Reza Pahlevi e a ascensão do Aiatolá Khomeini, as relação entre Estados Unidos e o Irã se deterioram. O Irã, um dos maiores produtores de Petróleo do mundo, gera o segundo choque do petróleo, o que prejudica as economias que ainda não conseguiam formas alternativas de geração de energia, dentre eles grande parte dos países do terceiro mundo.

Nos anos 1980, o foco principal foram as questões econômicas. Com a escolha de Thatcher como primeira-ministra inglesa e a eleição de Reagan como presidente dos EUA, as políticas neoliberais ganharam destaque. Ainda sim, diversos choques políticos e militares provocavam instabilidade em uma série de regiões do globo. A guerra entre Irã e Iraque, este último apoiado econômica e militarmente pelo Ocidente, foi um dos eventos mais importantes no Oriente Médio nos anos 1980. A isto, soma-se a invasão de Israel ao Líbano, em 1982, que motivou o surgimento do grupo guerrilheiro do Hezbollah. Nas América, o evento mais peculiar foi a guerra entre a Argentina e a Inglaterra pela posse das Ilhas Falklands ou Malvinas, facilmente vencida pelos ingleses.

Em 1984, Arafat iniciou as conversações com o Rei Hussein da Jordânia para a criação de um Estado palestino, mesmo ano em que o presidente Reagan era reeleito nos EUA. Todavia, é a partir de 1985, que as coisas pareciam mudar. Quando Gorbatchov assumiu à presidência da URSS e instaurou as reformas

políticas e sociais conhecidas como glasnost e Perestroika ficou claro que a nova liderança soviética era bem diferente de seus antecessores. O acordo sobre o uso pacífico do espaço de 1987 com os EUA e o início da retirada das forças da União Soviética do Afeganistão, em 1988, sinalizavam para uma mudança política nas relações ocidente e oriente sem precedentes. Mesmo o governo americano mantendo algumas políticas extremamente dúbias e pouco transparentes como no caso do escândalo Irã-Contras, o relacionamento com a União Soviética parecia tomar o rumo da normalização.

Com a queda do Muro de Berlim e a reunificação alemã em 1989, notou-se que o fim da Guerra Fria estava realmente próximo. Mesmo tendo estourado um novo conflito no Oriente Médio, a Intifada Palestina, mesmo as relações EUA e Irã, tendo permanecido tensas, a principal preocupação norte-americana, a União Soviética, parecia não mais ser a grande questão. Os países do Leste Europeu, um a um foram se redemocratizando (Estônia, Letônia e Lituânia; Romênia em 1989; Polônia, com a eleição de Walesa; Hungria, Bulgária, entre outros) e, pela primeira vez em todo o período da Guerra Fria, a União Soviética nada fez para impedir.

A distensão e a paz aparentemente seriam a marca da década final do século XX. A assinatura do Tratado de Maastricht, em 1991, que colocava em vigor a União Européia, a partir de 1992, o fim do Pacto de Varsóvia e mesmo da própria União Soviética (1991), a coalizão multilateral formada no âmbito da ONU para conter a invasão iraquiana ao Kuwait, o encontro mundial sobre os problemas ambientais (Eco-92), a libertação de Mandela e o fim do regime do apartheid (1990), a criação dos blocos econômicos como o Nafta (1993) e o Mercosul (1994), tudo isso seria indício de uma Nova Ordem Mundial, mais pacífica e respaldada nas regras de direito internacional. Todavia, a década de 1990 foi ainda extremamente conturbada. Os anos 1990 assistiram as guerras civis na antiga Iugoslávia, a nova Intifada Palestina, os impasses nucleares (Irã e Coreia do Norte), os genocídios por motivações étnicas e religiosas (Ruanda, Sudão, Mianmar) e a onda terrorista (11/09/01; 11/03/03; 07/07/05).

Em 1994, o Paquistão e a Índia, após anos de conflito iniciam as conversações sobre a disputa da Caxemira. Bill Clinton e o presidente Assad, conversaram sobre um possível acordo entre Síria e Israel sobre a retirada das forças israelenses das Colinas de Gola, nas mesma época que israelenses e palestinos tentaram estabelecer um acordo sobre a criação de um Estado palestino em Oslo. Após, alguns anos de conflito, Iugoslávia e Croácia começaram a normalizar suas relações. É neste período que os membros do CS da ONU tentaram sem sucesso pressionar a Coreia do Norte para por fim ao seu programa nuclear e permitir inspeções dos técnicos da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Com o fracasso das negociações, o governo Clinton anunciou o envio de mísseis para a Coreia do Sul e as relações se tornaram ainda mais tensas. 1994 foi ainda o ano dos massacres ocorridos em Ruanda, da guerra entre sérvios e bósnios, do envio de tropas russas à região da Chechênia e dos embargos da ONU ao Haiti. Também, foi o ano da entrada da Noruega na UE (no ano seguinte entrariam Suécia, Finlândia e Áustria) e das primeiras eleições multirraciais da África do Sul, em que Mandela foi eleito presidente. No ano seguinte, a França realizou testes atômicos no Atol de Mururoa, houve uma epidemia de ebola no Zaire e correram atentados terroristas em Tóquio (metrô) e Oklahoma (EUA).

Em 1998, surge nas relações internacionais a maior rede terrorista do planeta. A Al Qaeda realiza dois ataques simultâneos à embaixadas norte-americanas, na Tanzânia e no Quênia. A escala dos atentados só seria superado pelos realizados nos EUA em setembro de 2001 em Nova York e Washington, ano em que as tropas russas iniciam sua retirada da Chechênia e os fundamentalistas do Talibã destroem as estatuas gigantes de Buda e declaram guerra contra o ocidente.

2002 é o ano da independência do Timor Leste e da invasão de forças anglo-americanas ao Afeganistão para derrubar o regime Talibã. No ano seguinte, seria a vez do Iraque ser invadido por forças estrangeiras, mesmo ano dos atentados terroristas ao metro de Madri. No ano seguinte, o mundo assistiu a tomada da escola em Beslan por separatistas chechenos que provocou a morte de centenas de crianças. Em 2005, é a vez de

Londres ser atacada por células terroristas da Al Qaeda. Terroristas tentariam atacar sem sucesso a Inglaterra outra vez em 2007. Em 2006, uma nova guerra entre israelenses e libaneses estoura, enquanto Sadam Hussein é julgado e enforcado por um tribunal iraquiano.

Atualmente, ocorrem conflitos no Sudão (região de Darfur), no norte do Iraque (entre forças curdas e o exército turco), no Quênia (cuja mediação é feita pelo ex-secretário geral da ONU, Kofi Annan). Ainda, existem tensões no Kosovo (após a declaração unilateral de independência), no Irã e Coreia do Norte (em razão dos programas nucleares de ambos os países), na fronteira entre Colômbia, Equador e Venezuela (em virtude da presença das Farc) e no Tibete (devido à ocupação chinesa).